



MODELAMENTO SOCIOCOGNITIVO E MISOGINIA: DILMA ROUSSEFF COMO “O NEURÔNIO SOLITÁRIO”

SOCIO COGNITIVE MODELING AND MISOGYNY: DILMA ROUSSEFF AS “THE LONELY NEURON”

Anna Christina Bentes¹
Victor Aparecido dos Reis Oliveira²

Resumo: Ao longo deste artigo, vamos tentar analisar o processo de desqualificação da Presidenta Dilma Rousseff performatizado por práticas comunicativas de jornalistas da Revista *Veja*, práticas estas constituídas por recursos textuais e discursivos que buscam desconstruir a imagem dessa importante personagem da política brasileira ao longo de todo o tempo de seu primeiro mandato. Os resultados das análises mostram que as estratégias de referência sobre Dilma e/ou as ações a ela atribuídas, empregadas pelos jornalistas na construção de sua *persona* social, produzem uma visão profundamente estigmatizante da Presidenta. A nosso ver, essas estratégias discursivas encontram-se fundamentadas na misoginia e no antipetismo performatizados por esses agentes do campo jornalístico.

Palavras-chave: Referência; Dilma Rousseff; Frame; Prática Comunicativa; Modelamento Sociocognitivo.

Abstract: Throughout this article, we will attempt to analyze the process of disqualification of President Dilma Rousseff performed by communicative practices of journalists from *Veja* magazine, practices constituted by textual and discursive resources that seek to deconstruct the image of this important figure in Brazilian politics throughout her first term. The results of the analyses show that the referring strategies about Dilma and/or the actions attributed to her, employed by journalists in the construction of her social persona, produce a deeply stigmatizing view of the President. In our view, these discursive strategies are based on misogyny and anti-PT sentiment, performed by these agents in the journalistic field.

Keywords: Referring strategies; Dilma Rousseff; *Frame*; Communicative practices; Socio Cognitive modelling.

INTRODUÇÃO

Há quase dez anos atrás, um professor estrangeiro muito importante do campo da análise do discurso nos perguntou como tinha sido possível acontecer o *impeachment* de Dilma Rousseff. Para ele, esse acontecimento era muito surpreendente, quase inexplicável. A primeira Presidenta da República do Brasil gozava de alta popularidade, com chances grandes de ser reeleita. Em maio de 2014, as pesquisas³ de opinião

¹ Professora do Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: acbentes@unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3183-1291>

² Estudante de Licenciatura em Letras no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: v252447@dac.unicamp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-2037-106X>

³ Disponível em: [G1 - Dilma tem 40%, Aécio, 20%, e Campos, 11%, aponta pesquisa Ibope - notícias em Eleições 2014](#). Acesso em: 02.06.2025.

revelaram que Dilma estava à frente, com 40% das intenções de voto, e os outros dois candidatos mais próximos eram Aécio Neves (PSDB), com 20%, e Eduardo Campos (PSB), com 11% das intenções de voto. No dia 14 de agosto de 2014, no entanto, houve uma reviravolta no contexto eleitoral. Eduardo Campos morreu em um acidente aéreo muito pouco explicado até hoje, a pouco mais de dois meses das eleições presidenciais e das eleições gerais brasileiras.

Em 26 de outubro de 2014, Dilma Rousseff venceu o segundo turno das eleições presidenciais com 51,64% dos votos válidos. Seu oponente, Aécio Neves, teve 48.36% dos votos válidos. Até então, essa foi considerada a eleição mais acirrada no Brasil após a redemocratização. Ao longo de seu primeiro mandato, a primeira mulher eleita Presidenta do Brasil enfrentou muitos desafios e seu governo de 2011 a 2014 foi marcado por um fato político muito importante, que teve repercussões para além de sua reeleição: as chamadas “Jornadas de Junho” de 2013. Uma descrição interessante do início desse movimento que muito contribuiu para o desgaste da imagem de Dilma Rousseff foi produzida por Xavier (2018), com uma pesquisa cujo *corpus* foi constituído pelos editoriais da FSP, veiculados a partir do dia 06 de junho de 2014 até o final daquele mesmo mês, quando as manifestações arrefeceram.

O objetivo do pesquisador foi o de produzir uma caracterização mais fina desse realinhamento editorial, por meio da identificação das diferentes cadeias referenciais estabelecidas nos textos, que revelaram motivações relacionadas a valores dos campos político e jornalístico no país. Suas análises mostram que houve, com o passar do tempo, uma “nacionalização” dos protestos em termos temáticos, com pautas que passaram a enfocar questões relativas ao Governo Federal, ou seja, com críticas específicas a um determinado espectro político, que tinha como mais importante representante a Presidenta da República, Dilma Rousseff. Acreditamos que uma das razões para a Presidenta Dilma Rousseff ter recebido na abertura da Copa, em 2014, insultos verbais em coro dos presentes no estádio, foi o desgaste político sofrido a partir de junho de 2013. Até aquele momento das manifestações, o governo de Dilma Rousseff apresentou índices de aprovação perto de 60%. Depois desses eventos, a Presidenta Dilma e seu governo não conseguiram mais voltar a esse patamar de aprovação.

Ao longo deste artigo, vamos analisar o processo de desqualificação da Presidenta Dilma Rousseff performatizado por práticas comunicativas⁴ de jornalistas da Revista *Veja*, práticas estas constituídas por recursos textuais e discursivos que promovem a desconstrução da imagem dessa importante personagem da política brasileira ao longo de todo o tempo de seu primeiro mandato.

Essa desqualificação constante é ainda mais eficaz quando exercida por porta-vozes de instituições maiores, como aquelas representadas pelos meios de comunicação empresariais brasileiros. Assim como afirmado pela linguista Margarida Salomão em

⁴ Assumimos a noção de prática comunicativa desenvolvida por Hanks (1996), considerando os seguintes princípios:

- (i) os sistemas linguísticos, apesar de serem, em parte, governados por princípios exclusivos à linguagem, não são inteiramente independentes dos mundos sociais nos quais as próprias línguas existem;
- (ii) a noção de compartilhamento de recursos linguístico-discursivos entre os usuários não é suficiente nem necessário para o estabelecimento da interação verbal; o que os agentes compartilham é a habilidade de se orientarem verbal, perceptual e fisicamente um em relação aos outros e com relação ao seu mundo social;
- (iii) essa noção de compartilhamento de habilidades relativas aos modos de agir e estar no mundo social pressupõe o compartilhamento de categorias que se interpenetram ou que são meramente comparáveis ou semi-partilhadas;
- (iv) o modo como os agentes se situam em relação a si mesmos e em relação ao seu contexto pode ter consequências concretas na produção de linguagem/textual dos participantes de uma dada interação.

uma entrevista concedida ainda durante o governo do Presidente sucessor de Dilma Rousseff (Daher, Medeiros, 2018), também avaliamos que a mídia empresarial brasileira exerceu um papel fundamental na produção de um ambiente de desgaste da imagem pública da Presidenta e de seu governo, contribuindo com a sua remoção do Poder Executivo.

Para ampliar a compreensão da construção desse processo de erosão da imagem pública da primeira Presidenta do Brasil por parte da mídia brasileira, escolhemos analisar publicações⁵ produzidas entre 2010 e 2016, e arquivadas no domínio virtual da *Veja* na internet.

O objetivo geral da investigação é analisar as formas como são construídos, exibidos e compreendidos os sistemas de referência (Marcuschi, 2007; Salomão, 2002) responsáveis pelas estratégias de referenciação (Cavalcante; Rodrigues; Ciulla, 2003; Koch; Morato; Bentes, 2005) mobilizadas pelos jornalistas da *Veja* sobre a Presidenta Dilma Rousseff.

Este trabalho encontra-se ancorado, por um lado, nos princípios teóricos e metodológicos construídos pelos estudos do texto/discurso de base sociocognitiva (Koch; Cunha-Lima, 2004; Koch; Morato; Bentes, 2011; Van Dijk, 2012; 2016; 2017), e, por outro, nas contribuições de Hanks (2008), que elabora conceitos de base bourdieusiana e bakhtiniana para a compreensão da linguagem como prática social.

Nossa principal hipótese é a de que as estratégias de referenciação sobre Dilma Rousseff e/ou as ações a ela atribuídas na construção de sua *persona* social produzem uma visão profundamente estigmatizante da Presidenta. A nosso ver, essas estratégias discursivas encontram-se fundamentadas na misoginia (Tiburi, 2018; Valente, 2023) e no antipetismo (Daltoé, 2017; De Aquino, 2019), performatizados por determinados agentes dos campos jornalístico e político, conforme também pode ser observado em outros trabalhos já concluídos (Souza, 2017; Piancó, 2024). Nesse sentido, o título deste artigo é bastante sugestivo do tratamento misógino conferido à primeira mulher que exerceu o cargo de Presidenta da República do Brasil: como mostraremos mais adiante, ela é reduzida a “ser um neurônio” ou a “ter um neurônio solitário”.

1 A NOÇÃO DE ENQUADRE/ *FRAME* E SUA IMPORTÂNCIA PARA O TRABALHO JORNALÍSTICO

De forma a considerar a natureza sociocognitiva das práticas comunicativas, dado que, como afirmamos anteriormente, os agentes compartilham a habilidade de se orientarem verbal, perceptual e fisicamente uns em relação aos outros e com relação ao seu mundo social, Morato (2010, p.94) define a noção de *frame* como o “enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam”. Não constituídos a princípio e/ou de forma independente das interações sociais, Morato (2010, p.95) destaca que os *frames* são desenvolvidos pelos/nos “atos de significação”. Embora a autora ressalte as discordâncias entre diversos autores para definir a centralidade do conceito, em suas palavras, podemos afirmar que os *frames* são “incorporados por meio de práticas sociais nas quais emergem e por meio das quais se reconstroem”, além de que eles “atuam na organização de nossas experiências e são reciprocamente por elas organizados”.

Koch, Morato e Bentes (2011, p.78) definem a noção de *frame* como “formas estruturadas de compreensão” do funcionamento do mundo social. Também acreditamos ser esclarecedora a definição de Van Dijk (1996), tal como trazida pelas autoras (Koch; Morato; Bentes, 2011, p.79), que apresenta o conceito de *frame* como “modelos

⁵ Uma nuvem de palavras sobre o conjunto de textos por nós coletado consta do anexo deste texto.

estandardizados de eventos mais freqüentes nas práticas lingüísticas e cognitivas daquela comunidade de fala” em que estão inseridos os sujeitos falantes.

Conforme Porto (2015), os enquadramentos/ os *framings* produzidos pelos jornalistas, enquanto “poderosos instrumentos de poder”, podem influenciar a forma como as pessoas pensam sobre os acontecimentos retratados nos textos. É por essa razão que esse autor, com base em estudos da comunicação política produzidos por autores norte-americanos, propõe a substituição do paradigma parcialidade/objetividade pela noção de “orientação estruturada”, que inclui fatores tais como o favoritismo dos jornalistas e a alteração dos acontecimentos, compondo um conjunto de regras e conceitos, assim nomeados “uma estrutura profunda”. O autor também argumenta que o conceito de “enquadramento” pode fornecer uma ferramenta relevante para investigação do papel da mídia na construção de hegemonias. Além disso, o conceito de enquadramento também contribui com as pesquisas sobre o agendamento temático da mídia, ou “*agenda setting*”. O autor argumenta que embora o trabalho midiático possa não ser totalmente eficaz em moldar a forma como as pessoas pensam, ele é bastante eficiente na definição de sobre o que se deve pensar.

As publicações dos jornalistas pautam muitos dos tópicos sobre os quais as pessoas pensarão e/ou tratarão em interações diversas. Além disso, nas palavras de Porto (2004), “as diferentes formas de apresentação dos temas pela mídia podem afetar o processo de formação de preferências políticas da audiência”. Veremos, neste artigo, como as expressões e ações referenciais performatizadas a partir de publicações intituladas basicamente pela expressão referencial “Neurônio” produzem um enquadramento deslegitimador para a candidata, e depois presidenta petista.

No campo político, a confiança é um capital simbólico importantíssimo. Por isso mesmo, por exemplo, em 2010, os jornalistas da *Veja* buscam reiteradamente apresentar a candidata à Presidente da República à época, como uma pessoa contraditória, que não honra com seus princípios e/ou posicionamentos públicos, tentando caracterizá-la como pessoa não confiável, configurando, assim suas práticas políticas como desprovidas de confiança, um dos componentes do capital simbólico⁶ relevante para a atuação no campo político.

2 A IMPORTÂNCIA DA QUESTÃO REFERENCIAL PARA O TRABALHO JORNALÍSTICO

Este trabalho também fundamenta-se em uma concepção não referencialista de língua(gem), tal como Marcuschi (2007), assumindo a relação indireta entre as palavras e as coisas. Tomando a metáfora da lâmpada de que se utiliza o autor, para nós, a língua funciona menos como um espelho, que “refletiria” o estado das coisas no mundo, e mais como uma lâmpada, que “iluminaria” esse estado de coisas a partir de uma determinada perspectiva, isto é, funcionaria como uma forma de apresentar o mundo.

Assumir a língua como uma forma de apresentar o mundo quer dizer rejeitar o ponto de vista em que os objetos sobre os quais tratamos no discurso existem de uma forma dita objetiva e independente de sua discretização nas práticas simbólicas, sobretudo lingüísticas. Para Mondada e Dubois (2003), as entidades retratadas pelos agentes sociais nessas práticas não se tratam de “objetos de mundo”, mas sim de “objetos de discurso”,

⁶ Segundo Ferreira-Silva (2015, p. 24-25), a noção de capital simbólico se refere a “todo recurso ou poder num acúmulo de bens simbólicos”, que podem ser diversas ordens, não apenas econômica, por exemplo patrimônios e rendimentos, mas também de ordem cultural, em relação aos saberes em geral institucionalizados tais como diplomas e títulos, além de social, no que se refere às relações sociais individuais constituídas pelos agentes ao longo da vida.

que resultam de, nas palavras das autoras, “uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo”.

Uma das formas possíveis de abordar essa questão, postulada por Mondada e Dubois (2003, p.25), é focalizar os “recursos lingüísticos que servem para tematizar uma entidade, para sublinhar a saliência de um aspecto específico ou de uma propriedade de um objeto, para atrair a atenção do leitor para uma entidade particular”. No caso deste artigo, para dar conta dessa entidade particular, a Presidenta Dilma Rousseff, também temos que considerar a categoria analítica “gênero”, levando em conta que, “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Seria melhor dizer que o gênero é “um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado” (Scott, 2019, p.71).

Neste artigo, enfocamos o objeto de discurso *Dilma Rousseff*, e outros a ela associados, analisando a forma pela qual sua imagem foi (des)construída pelos/nos textos publicados por jornalistas em colunas/blogs nos quais, a nosso ver, se difundem conhecimentos, crenças, e pontos de vistas relevantes para a comunidade antipetista (Daltoé, 2017), que se mantém “aquecida” pelas publicações de jornalistas influentes como aqueles que regem ou regiam as páginas da *Veja*. Além disso, essas representações de Dilma Rousseff podem ser consumidas por outras comunidades além da comunidade antipetista. O sucesso da empreitada de ampliar a representação para comunidades outras, diferentes daquela que compartilha crenças e valores com os jornalistas, resulta em um modelamento sociocognitivo (Bentes; Morato, 2021) das imagens profissional e pessoal da Presidenta Dilma Rousseff. Nesse sentido, buscaremos mostrar os recursos textuais-discursivos empregados pelos jornalistas ao tematizar a entidade por nós investigada, e quais os principais aspectos em relação a essa entidade são enfocados nos textos consumidos pelos leitores dos blogs.

3 CONTEXTUALIZANDO O TRABALHO REFERENCIAL PRODUZIDO POR PUBLICAÇÕES DA *VEJA* SOBRE O OBJETO DE DISCURSO *DILMA ROUSSEFF*

Nesta seção, relatamos o percurso tomado durante a coleta dos textos publicados nos sites da *Veja*, que resultaram em diversos *corpora* por nós construídos ao longo da investigação, e também apresentamos um exemplo significativo do trabalho referencial produzido a partir das publicações de dois jornalistas da *Veja* em suas páginas pessoais. Este trabalho indicia um modelamento sócio-cognitivo sobre a relação Lula-Dilma a partir da metáfora “criador e criatura” (Dantas, 2019).

3.1 Os *corpora* construídos ao longo de nossa investigação e o *corpus* para este artigo

Não chegamos aos textos que compõem o *corpus* a ser analisado neste artigo de um dia para o outro. Encontramos esses textos apenas depois de anos de nossa investigação em torno da construção da figura de Dilma Rousseff pelo campo jornalístico. O percurso por nós tomado antes de chegarmos ao *corpus* que analisamos neste artigo será relatado brevemente a seguir.

No primeiro projeto que desenvolvemos nesta temática (Oliveira, 2023), investigamos como foram construídas as avaliações/percepções de incoerência textual sobre algumas falas da Presidenta, em especial aquelas que durante seus mandatos muito viralizaram em mídias diversas: revistas/jornais impressas/os e virtuais, programas de rádio e televisão, redes sociais e blogs na Internet etc. Este primeiro *corpus* que

construímos e investigamos consiste de cinco (05) falas virais da Presidenta Dilma Rousseff, além das repercussões jornalísticas sobre trechos dessas falas.

Chegamos à conclusão de que as falas investigadas não eram incoerentes. As falas também não pareceram ter sido avaliadas como incoerentes pelos interlocutores imediatos da Presidenta nos seus contextos originais de ocorrência. Esses interlocutores eram, em geral, outros agentes políticos — ministros, deputados, senadores, líderes de movimentos sociais, etc. —, além de agentes jornalísticos — repórteres, fotojornalistas etc.

Para chegarmos a essas conclusões, selecionamos algumas das falas da Presidenta e nos detivemos sobre as respectivas gravações em vídeo e transcrições oficiais. A recepção das falas foi sempre amistosa e, acima de tudo, a mais colaborativa possível. No entanto, fora de seus contextos originais de produção, jornalistas da *Veja* enquadraram essas falas de modo a desqualificá-las a partir de alguns recortes específicos e muito pequenos, em um claro processo de descontextualização (Bauman, 2004 *apud* Bentes; Rezende, 2008). Esse procedimento contribuiu para que elas passassem a ser vistas como falas incoerentes e jocosas, a partir do enquadramento produzido pelos jornalistas, que era sempre rapidamente difundido, implicando sérios danos à imagem pública da Presidenta e de seu governo.

Enquanto investigávamos a construção de incoerência textual sobre falas da Presidenta, percebemos que grande parte dos textos que tratavam de Dilma Rousseff e de suas falas eram textos que circulavam no domínio da *Veja* na Internet, em específico, textos publicados nas páginas pessoais de, a nosso ver, dois grandes e poderosos formadores de opinião.

Dessa forma, em outra pesquisa (Oliveira, 2024), decidimos investigar os textos publicados nas páginas virtuais hospedadas no site da *Veja*, com foco inicial nos textos publicados por esses dois formadores de opinião entre 2010 e 2014, período que engloba desde o ano em que Dilma Rousseff elegeu-se pela primeira vez até o último ano do primeiro mandato, que também é o ano de sua reeleição. Com o uso de um motor de busca, coletamos textos em que há a presença de expressões referenciais relacionadas a três objetos de discurso: a própria Dilma Rousseff, sua fala e seu governo. Fundamentados na metodologia desenvolvida em trabalhos tais como os de Almeida (2022) e Etulain (2021), organizamos esses textos em planilhas com as seguintes colunas: data de publicação; autoria; título; gênero discursivo; veículo original de circulação; e número de imagens e/ou vídeos.

O detalhado escrutínio que fizemos ao longo dessa pesquisa resultou no segundo *corpus* por nós construído, um *corpus* de duzentos (200) textos, quarenta (40) para cada ano investigado — 2010, 2011, 2012, 2013, e 2014 —, vinte (20) por cada um dos dois blogs investigados. Em relação aos gêneros discursivos das publicações, o *corpus* é formado, em sua esmagadora maioria, por artigos de opinião. Este também consiste em outros textos jornalísticos tais como editoriais, reportagens, notícias, entrevistas, comentários etc.

Na pesquisa vigente (Oliveira, 2025), focamos os textos publicados entre 2015 e 2016, desde o primeiro até o último ano do segundo mandato, que foi o ano do *impeachment* de Dilma Rousseff. Desta vez, decidimos também coletar duzentos (200) textos, cem (100) para cada ano investigado — 2015, 2016 —, cinquenta (50) de cada um dos dois blogs investigados. Os textos foram organizados em planilhas tal como no segundo *corpus* construído. Para a construção deste terceiro *corpus*, incluímos a busca por expressões referenciais relacionadas a um quarto objeto de discurso: o *impeachment*. Os gêneros discursivos dos textos reunidos neste *corpus* também são, em sua maioria, artigos de opinião, além dos outros gêneros jornalísticos previamente mencionados — editoriais, reportagens, notícias, entrevistas, comentários etc.

Enquanto vasculhávamos os textos para a construção do terceiro *corpus*, percebemos que, no site da *Veja*, há um grande número de publicações nas quais já no título se faz uso da expressão nominal “neurônio” para se referir a Dilma Rousseff. O foco de nossa busca então voltou-se às publicações intituladas “neurônio”, o que resultou na construção de mais um *corpus*, o quarto *corpus* por nós construído durante a investigação. Também organizamos essas publicações em planilhas, desta vez de acordo com as seguintes colunas: data de publicação, autoria e título.

Esse quarto *corpus* é formado por um total de **setecentos e setenta e quatro (774)** textos, constituídos, em sua grande maioria, de breves comentários sobre recortes de falas públicas de autoria de Dilma Rousseff — discursos de campanha, discursos presidenciais, entrevistas, publicações em redes sociais etc. Nesses textos, Dilma Rousseff costuma ser nomeada pelos jornalistas como “o neurônio solitário”.

Todas as publicações coletadas foram produzidas **ao longo dos anos de 2010 a 2016**. No ano de 2010, são cento e vinte e nove (129) publicações; em 2011, sessenta e oito (68); em 2012, quarenta e cinco (45); em 2013, cento e sessenta e sete (167); em 2014, cento e sessenta e três (163); em 2015, cento e quarenta e cinco (145); em 2016, cinquenta e sete (57). Portanto, o maior número de publicações deste tipo encontra-se entre os anos de 2013 e 2015, quando foram publicados em torno de 60% dos textos que formam o *corpus*. No ano de 2010, houve um “boom” de publicações, que decaiu nos anos de 2011 e 2012, para em 2013 voltar a subir, com um novo “boom”. O número de publicações por ano mantém-se estável entre 2013 e 2015, e volta a cair em 2016, ano em que a Presidenta Dilma Rousseff sofreu o *impeachment*.

O *corpus* sobre o qual desenvolvemos algumas análises neste artigo demonstra, dentre outros aspectos, como a percepção de incoerência em relação às falas de Dilma Rousseff, o estabelecimento da desconfiança em relação a ela e a suas ações políticas e, finalmente, a reiterada desqualificação de suas capacidades cognitivas, foi resultado do trabalho referencial coordenado, coletivo e colaborativo de diversos jornalistas contratados por grandes representantes da mídia empresarial brasileira — tais como *Veja*, *Estadão*, *Folha de SP*, *Globo* — que, ao longo do tempo, contribuíram de maneira bastante direta para erodir a imagem pública da Ministra/Candidata/Presidenta petista. A erosão da imagem da Presidenta Dilma serviu para o controle da opinião pública durante os mandatos presidenciais e, por consequência, para a execução do *impeachment*.

3.2 Modelamento sócio-cognitivo da metáfora “criador e criatura” com relação a Lula-Dilma

Um aspecto que muito nos chamou a atenção durante a investigação de textos publicados entre 2010 e 2014 (Oliveira, 2024) foi a produção de alguns enquadramentos da relação entre o Presidente Lula e a candidata Dilma — àquela época, uma das Ministras do segundo governo Lula. Um deles é produzido a partir da metáfora “criador-criatura” (Dantas, 2019); outro enquadramento ocorre por meio da categorização “governanta” para se referir a Dilma e “governante” para se referir a Lula. Outro enquadramento para a relação entre eles é o de “padrinho” e “afilhada”.

As ações performatizadas pelos jornalistas a partir desses enquadramentos se tornam mais evidentes se levarmos em conta as considerações feitas por Tiburi (2018): “todo esse sistema ideológico [da misoginia] não prevê mulheres no poder. Porque o poder é coisa que os homens querem para eles”. Mesmo eleita Presidenta, a governança legítima de Dilma Rousseff foi contestada pelos jornalistas da *Veja*, que, como tantos outros atores sociais, fundamentam-se em um/a enquadramento/perspectiva misógina, nas palavras de Tiburi (2018), “cuja função é impedir que as mulheres cheguem ao poder e nele permaneçam”. A construção predominante é a de uma personagem secundária de

seu próprio governo, como alguém que obedece às ordens de homens provedores do capital político necessário à governança. Entre esses homens-patriarcas, a figura principal é a de Lula, que seria o “padrinho” de Dilma Rousseff, representada como uma mulher-dependente, sua “afilhada”. Nesse modelamento sócio-cognitivo, Lula seria o “verdadeiro” governante/Presidente do país, em oposição à Dilma, a “falsa” governanta/Presidenta.

Vejamos um exemplo elucidativo do uso que os jornalistas fazem das categorias “governanta” e “governante”. No início do primeiro mandato de Dilma Rousseff, em junho de 2011, foi publicado um texto intitulado *A reforma política já chegou*, pelo jornalista definido como uma crônica, e de autoria de um renomado escritor brasileiro.

Nesse texto, o autor explica que teria ocorrido uma reforma política do Poder Executivo no Brasil, por ele assim elaborada como uma forma de “bipresidencialismo” regido conjuntamente por Lula-Dilma:

Dois presidentes, em lugar de um só! E isso sem precisar mudar nada na Constituição, já está aí, já está em operação, não é preciso alterar lei nenhuma, esse cara é um gênio mesmo. **É por isso que ela faz tanta questão de ser chamada de presidenta**, eles já deviam ter combinado isso desde o comecinho da campanha eleitoral. **Presidente é ele, presidenta é ela. Governante é ele, governanta é ela.** O entrosamento é perfeito. Ele não suporta trabalhar e aí o trabalho todo de despachar, ler, discutir, assinar etc., **ela faz**. Das jogadas políticas, dos discursos, das viagens e das mensagens na TV, ele cuida. E de mandar sancionar ou vetar o que for necessário, claro. (grifos nossos; publicado originalmente no jornal *O Globo* em 05/06/2011)⁷.

Se também levarmos em conta os verbetes que definem a categoria “governanta”, as ações performatizadas pelos jornalistas se tornam ainda mais evidentes. Por exemplo, de acordo com o dicionário virtual *Houaiss*⁸, este substantivo origina-se da expressão nominal feminina francesa *gouvernante*, que significa “mulher que conduz e administra a organização familiar ou doméstica”. Alguns sinônimos são “aia” e “ama”. Além disso, ao traduzirmos este termo para a língua inglesa com o uso de um tradutor virtual, este nos retorna a expressão “*housekeeper*”.

Esse modelamento sócio-cognitivo misógino, no qual Lula, o “criador”, funcionaria como o governante legítimo, enquanto Dilma Rousseff, a “criatura”, seria uma marionete/fantochê desse governante, foi amplamente difundido pela/na mídia empresarial brasileira antes mesmo das eleições presidenciais de 2010. Por exemplo, podemos observar esse modelamento em um perfil biográfico⁹ consultado no livro intitulado *Vultos da República* (2010), publicado ainda em julho deste ano e que reúne perfis políticos publicados na revista *Piauí*.

Trata-se de um pequeno trecho, que resumimos a seguir, e que nos parece bastante ilustrativo do papel reservado pelo jornalismo às mulheres no jogo do poder. No perfil, narra-se que, após a saída de José Dirceu da Casa Civil, e a consequente nomeação de Dilma Rousseff para chefiar este ministério, um dos secretários da Presidência teria ficado surpreso e apreensivo com a escolha da nova Ministra-chefe. Lula teria captado a preocupação do secretário, acalmando-o com o seguinte comentário: “a parte política a gente toca”. Neste comentário, a expressão “a gente” refere-se, claro, aos homens no Governo, considerados aqueles com legitimidade para ocupar o poder e exercê-lo. Às

⁷ Publicado no site da *Veja* em 06.06.2011. Disponível em: [VEJA](#). Também está disponível na página do autor do texto, hospedada em [Academia Brasileira de Letras](#). Acesso em: 02.08.2024.

⁸ Disponível em: [Houaiss](#). Acesso em: 18.05.2025.

⁹ Perfil biográfico que retrata a trajetória política de Dilma Rousseff, e intitulado *Mares nunca dantes navegados*, de autoria de Luiz Maklouf Carvalho, consultado em Werneck (2010).

mulheres, tais como Dilma Rousseff, restariam as tarefas menos prestigiadas, tais como as tarefas técnico-administrativas, nas palavras do autor do texto, “o trabalho chato”.

4 MODELAMENTO SOCIOCOGNITIVO DE DILMA ROUSSEFF: “NEURÔNIO + MODIFICADOR”¹⁰

Tal como afirmamos na seção anterior, em nossa busca no interior do domínio virtual da *Veja*¹¹, com foco nas publicações produzidas entre os anos de 2010 a 2016, nós identificamos centenas de publicações em que, ainda no título, os jornalistas categorizam Dilma Rousseff como “neurônio”, nome este acompanhado de adjetivos diversos, configurando assim um tipo de categorização metafórica.

Ao fazermos uma breve retrospectiva sobre as origens da categorização “neurônio” associada à Dilma Rousseff, constatamos que ela remonta ao fim do ano de 2009, quando nos dias 5 e 7 de dezembro, um jornalista fez seis publicações deste tipo. Foram três publicações (19:31, 20:00 e 20:50) em 5 de dezembro, e três (15:44, 16:10 e 16:30) em 7 de dezembro.

As publicações do dia 5 retomam um discurso de Dilma em Berlim. Já as publicações do dia 7 retomam uma entrevista concedida à *Jovem Pan*. Ao elaborar os títulos dessas publicações, no dia 05 de dezembro de 2009, Dilma Rousseff é inicialmente categorizada por meio da expressão “Um neurônio e meio”¹², em seguida, “Um neurônio”¹³, depois “Meio neurônio”¹⁴; no dia 07 de dezembro de 2009, é inicialmente categorizada por meio da expressão “Nenhum neurônio 1”¹⁵, “Nenhum neurônio 2”¹⁶, e novamente “Nenhum neurônio 3”¹⁷.

A nosso ver, ao reduzir Dilma a um “neurônio solitário”, ou a apenas “um neurônio”, “meio neurônio” e/ou “neurônio nenhum”, promovendo um tipo de categorização metafórica, ou ainda, caracterizando-a como se ela tivesse só um neurônio, promovendo um tipo de categorização metonímica, com tamanha recorrência, os jornalistas objetivam produzir um estigma para Dilma Rousseff. Esta é a marca da “mulher sem razão” (Dantas, 2019), produzida a partir da sistemática e absoluta desqualificação de sua figura no espaço de poder político enquanto uma mulher que “não tem neurônios”, ou seja, uma pessoa desprovida de inteligência.

Um dos principais projetos temáticos (Ferreira-silva, 2020; Mariano, 2024) estabelecidos para reforçar essa desqualificação da Presidenta é a própria fala de Dilma Rousseff, especialmente suas falas públicas produzidas como Presidenta da República. De acordo com a ordem e com os conjunto de modificadores que apresentaremos, os mais recorrentes nos títulos das publicações são: (i) “malandro”, “vigarista”, “171”; (ii) “em parafuso”, “em pane”, “em transe”.

Observamos que as publicações intituladas “neurônio” fazem uso de duas estratégias textuais-discursivas primordiais: (i) a circulação de recortes de falas de Dilma Rousseff com o objetivo de subverter¹⁸ os sentidos produzidos no contexto original da fala pública; e (ii) a consequente (des)construção e depreciação da imagem pública de

¹⁰ A respeito da estrutura das descrições definidas, ver Koch (2002; 2004).

¹¹ Disponível em: [VEJA](#). Acesso em: 19.04.2025.

¹² Disponível em: [Um neurônio e meio | VEJA](#). Acesso em: 05.04.2025.

¹³ Disponível em: [Um neurônio | VEJA](#). Acesso em: 05.04.2025.

¹⁴ Disponível em: [Meio neurônio](#). Acesso em: 05.04.2025.

¹⁵ Disponível em: [Nenhum neurônio \(1\) | VEJA](#). Acesso em: 05.04.2025.

¹⁶ Disponível em: [Nenhum neurônio \(2\) | VEJA](#). Acesso em: 05.04.2025.

¹⁷ Disponível em: [Nenhum neurônio \(3\) | VEJA](#). Acesso em: 05.04.2025.

¹⁸ Sobre esse recurso à subversão, constitutivo dos processos intertextuais, ver Koch, Bentes e Cavalcante (2007).

Dilma Rousseff, a partir do uso coordenado, coletivo e colaborativo de expressões referenciais específicas, por exemplo “Neurônio + Modificador”, como títulos das publicações. **Reiteramos: foram encontrados setecentos e setenta e quatro (774) textos publicados entre os anos de 2010 e 2016.**

Pensando nas relações entre texto e contexto, outra categoria analítica também fundamental para nossa análise é o *continuum* postulado por Bauman (2004 *apud* Bentes; Rezende, 2008: p.41-44) entre *entextualização*, *descontextualização* e *recontextualização*. No entanto, trazemos essa proposta teórica aqui para mostrar que as recategorizações e os “*reframings*” produzidos revelam o modelamento sócio-cognitivo ao qual a imagem da Presidenta é submetida, modelamento este que impede que a recontextualização aconteça.

Os curtos textos que se seguem aos recortes da fala pública objetivam apenas produzir interpretações próprias dos jornalistas que, ao tentarem recontextualizar essas falas, subvertem as propostas de compreensão (Geraldí, 1997) produzidas por Dilma Rousseff nos contextos originais, acabando por deslegitimar suas falas públicas. A forma composicional encontrada nas publicações é a seguinte:

recorte de fala + atribuição de autoria + comentário do(s) jornalista(s)

Vejamos essa forma na primeira publicação desse tipo em 2010, quando Dilma Rousseff ainda ocupava o cargo de Ministra-chefe da Casa Civil, que foi intitulada “Neurônio solitário”¹⁹:

“Muitas vezes falam que sou durona. Na atividade que o presidente me deu, que era coordenar os programas de governo, não tem outro jeito. A sua função é passar o tempo todo cobrando, querendo saber por que não aconteceu, resolvendo problemas, correndo atrás. Isso não significa que você seja essa atividade. Eu não sou isso. Isso é um aspecto da minha vida”.

Dilma Rousseff, no Rio, deixando muito claro que, embora exerça **a atividade de sargentona**, ela não é essa atividade (grifo nosso).

Naquele momento, Dilma Rousseff ainda chefiava a Casa-Civil. Enquanto Ministra, foi recategorizada como sargentona, ou ainda, como exercendo a “atividade de sargentona”. Ao produzir essa recategorização por meio da expressão referencial acima mencionada, o jornalista ironiza que essa seria uma “atividade”, retomando uma expressão que figura no texto original de Dilma, no qual a atividade era “coordenar os programas do governo”. O comentário do jornalista busca ressignificar o auto comentário que a Presidenta faz sobre si mesma. Dilma afirmou que para exercer a atividade para a qual foi designada, coordenar os programas de governo, ela tinha que ser mesmo “durona”, não tinha outro jeito.

Mas Dilma, ao dizer que “*isso não significa que você seja essa atividade*”, gerou uma atitude estratégica por parte do jornalista, ao criar o objeto de discurso “atividade de sargentona”, objeto esse que enfoca tanto a característica pejorativa para uma chefe ou líder política, a de ser “durona”, como também ironizando a formulação dela que transforma em qualidade/predicativo uma expressão como “atividade”. Qualquer um com uma atitude compreensiva sabe que Dilma quis dizer que o fato de ela exercer a atividade de coordenar os programas e de cobrar resultados de forma exigente não reduz sua personalidade a esse tipo de característica, a de ser “durona”. Quando ela diz “*eu não sou isso*”, o pronome demonstrativo com função encapsuladora acompanhado da negação refere-se ao todo de sua subjetividade. A estratégia de recategorização do jornalista em

¹⁹ Disponível em: [Neurônio solitário | VEJA](#). Acesso em: 19.04.2025.

relação ao dizer de Dilma tem apenas um objetivo: jogar luz sobre características negativas da então Ministra — “sargentona” e, no mínimo, “incoerente em relação aos seus modos de elaboração discursiva”.

Vale chamar a atenção para o fato de que a representação de Dilma como “sargentona” se perde com o tempo, em especial após a definição de sua candidatura à Presidência da República pelo PT (Barbara, Gomes, 2010; Gomes, Barbara, 2011), restando atacar suas supostas incoerências. Por fim, a categorização metonímica de Dilma como tendo apenas um único neurônio, o que pode ser inferido pelo título do texto depois da leitura do comentário, indicia uma característica ainda mais pejorativa: a de mulher “burra”.

4.1 Neurônio + Modificadores “malandro”, “vigarista”, “171”

A partir dos recortes citados em seus textos, os jornalistas sugerem a existência de esforços por parte de Dilma Rousseff na construção de artimanhas. Em outras palavras, a partir de comentários reveladores das “malandragens” e “vigarices” da Presidenta, os jornalistas sugerem que Dilma Rousseff seja uma agente política desonesta, tal como observamos nos quadros a seguir, que buscam trazer resumidamente tanto as principais expressões referenciais como as ações performatizadas nos dois exemplos selecionados.

Quadro 1 — Resumos dos textos com títulos “Neurônio malandro”²⁰

Discurso de Dilma reportado pelo autor da publicação	Principais expressões referenciais e ações performatizadas nos comentários
“O Brasil inexoravelmente vai ter que destinar mais recursos à saúde pública”	Decidida a ressuscitar a CPMF; Finge ignorar que [para aumentar a arrecadação], bastaria reduzir a taxa de corrupção [em vez de aumentar tributos]
“Fui colega por oito anos da senadora Marina Silva e nunca vou atacá-la pessoalmente”	[Faz] ataques pessoais a Marina Silva

Quadro 2 — Resumos dos textos com título “Neurônio vigarista”²¹

Discurso de Dilma reportado pelo autor da publicação	Principais expressões referenciais e ações performatizadas nos comentários
“Minha indignação é a mesma que sentem os brasileiros. E quero, como todos eles, que os culpados sejam punidos”	Faz o diabo para que os culpados [não sejam punidos]; Finge querer que os culpados [sejam punidos]
“O Brasil passa hoje por algumas dificuldades”	Comunica que a crise acabaria no sábado

Os comentários trazem expressões referenciais importantes à época, que são associadas à Dilma, tais como “os acusados de corrupção”, ou ainda, “a crise”. No entanto, o que mais constrói a imagem de desonesta/dissimulada para Dilma são as ações

²⁰ Há 11 publicações com este modificador. Aquelas no quadro foram publicadas em 05.09.2011 e 16.09.2014, antes das eleições presidenciais. Disponíveis em [Neurônio malandro | VEJA](#) e [Neurônio malandro | VEJA](#). Acesso em: 01.06.2025.

²¹ Há 8 publicações com este modificador. Aquelas no quadro foram publicadas em 22.11.2014 e 11.10.2015. Disponíveis em [Neurônio vigarista | VEJA](#) e [Neurônio vigarista | VEJA](#). Acesso em: 01.06.2025.

que recategorizam suas falas: ao falar, Dilma “*finge*”, “*faz o diabo para que não aconteça o que finge querer*”. Além disso, o uso do futuro do pretérito de um dos verbos mobilizados produz o sentido de incerteza, “...*a crise acabaria no sábado*”. Há ações não aventadas no discurso original, tal como aquela em que Dilma estaria “*decidida a ressuscitar a CPMF*”, um tributo extinto. Todos esses recursos linguísticos acabam por reforçar a imagem de uma política em quem não se pode confiar. Vejamos então algumas publicações intituladas “Neurônio 171”, que se referem à Dilma Rousseff.

Quadro 3 — Resumos dos textos com título “Neurônio 171”²²

Discurso de Dilma reportado pelo autor da publicação	Principais expressões referenciais e ações performatizadas nos comentários
“O que está em jogo nessa luta em defesa da Petrobrás e do controle do pré-sal é nossa soberania, o futuro do país e da educação”	Finge ignorar que a Petrobrás precisa ser defendida [dos acusados de corrupção]; Tenta livrá-los da cadeia
“Experimentamos o fim do superciclo do boom das commodities”	Explica [causas alheias para a crise que teria sido provocada pelo próprio Governo]

Por que Dilma seria uma “171”? Esses comentários, além de operarem uma recategorização de uma de suas falas, também atribuem à Dilma determinadas ações por meio do uso dos verbos “fingir” e “livrar”, promovendo uma mudança sobre o que ela fala, assim como o que aconteceu anteriormente. Se Dilma associa a Petrobrás à soberania do país, o jornalista associa a Petrobrás à corrupção; se Dilma afirma o fim de um ciclo econômico, o jornalista atribui ao seu governo a responsabilidade pela produção de uma crise econômica. Vê-se que esse procedimento não pode ser explicado como um processo de descontextualização/recontextualização. O último elemento do processo simplesmente não acontece porque os conteúdos são outros, as intencionalidades são opostas. Não há recontextualização, mas um novo texto que é produzido para fazer desaparecer o que se disse anteriormente e colocar outros conteúdos em seu lugar. Nesse sentido, os últimos exemplos revelam que as relações entre esses textos não são apenas de subversão (Koch; Bentes; Cavalcante, 2007). Trata-se de relações abusivas, dado que os textos que comentam o texto fonte procedem à inúmeras acusações e desqualificações, e dado que mesmo quando se mantém o referente (no caso da “Petrobrás” presente no quadro acima) no texto do comentário, o que se diz sobre ele inaugura um texto novo, cuja função é a destruição dos sentidos do texto anterior. Nesse sentido, o texto fonte, em suas progressões referenciais e textuais, constitui-se em uma fonte inesgotável de “provas” contra quem o produz: provas de que o seu produtor é inconfiável, incompetente e possivelmente corrupto. Todos esses recursos linguístico-discursivos produzidos reiterada e consistentemente pelos jornalistas colaboram para a fixação dessas imagens para a Presidenta Dilma Rousseff.

4.2 Neurônio + modificador “em parafuso”

À parte das “malandragens” construídas para a fixação de determinadas imagens para Dilma Rousseff, também observamos diversas publicações em que os jornalistas interpretam os recortes de falas como demonstração de despreparo, e/ou de enlouquecimento, e/ou de crises nervosas/histéricas.

²² Há 5 publicações com este modificador. As publicações no quadro foram publicadas em 07.04.2015 e 30.06.2015. Disponíveis em [Neurônio 171 | VEJA](#) e [Neurônio 171 | VEJA](#). Acesso em: 01.06.2025.

Essas atribuições costumam estar acompanhadas do uso de termos psicologizantes e/ou patologizantes, comuns ao campo da Medicina/Saúde. Por vezes, as publicações ainda focam as emoções de Dilma Rousseff, de forma a também patologizá-las. Nas publicações em coautoria de dois jornalistas específicos, ao produzir comentários sobre os recortes das falas de Dilma, o primeiro costuma declarar que ela foi “capturada” e “internada” no Sanatório pelo segundo, assim nomeado pelo autor da coluna como “o caçador de cretinices”²³. Vejamos as publicações:

Quadro 4 — Resumos dos textos com título “Neurônio em parafuso”²⁴

Discurso de Dilma reportado pelo autor da publicação	Principais expressões referenciais e ações performatizadas nos comentários
“Não vou deixar que o desespero deles contamine a nossa campanha”.	Grita que está calma
“Nós não vamos, nós não vamos, vou repetir assim três vezes, nós não vamos contingenciar o PAC, nós não vamos contingenciar o PAC”.	Jura que não fará o que todo mundo sabe que fará; Mostra que precisa de 23 palavras para dizer o que gente normal diria com sete

Como nos exemplos anteriores, as ações atribuídas à Dilma recategorizam e fazem um “*reframing*” de suas falas. Esses “*reframings*” colocam Dilma no lugar do descontrole ao invés do lugar de luta no qual ela se coloca, caso do primeiro exemplo; colocam-na no lugar de “mentirosa” e de “incoerente” ou mesmo “louca” — ao opor Dilma a “gente normal” —, do ponto de vista de suas formulações discursivas, ao invés do lugar de decisão no qual ela se coloca, no caso do segundo exemplo. São enquadramentos baseados em uma perspectiva misógina (Tiburi, 2018; Valente, 2023), dado que as imagens produzidas para Dilma são as de uma mulher “descontrolada” e de uma mulher “incoerente/louca” e “inconfiável”. Outros exemplos poderiam ser analisados, tais como os do “Neurônio em pane” ou do “Neurônio em transe”. No entanto, em função do espaço deste artigo, passamos agora a fazer nossas considerações finais.

CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, tivemos o objetivo de tentar compreender os modos pelos quais a Presidenta Dilma Rousseff foi sistematicamente desqualificada pela mídia corporativa brasileira, mais especialmente por colunistas da Revista *Veja* em seus blogs que podem ser acessados até hoje. Acreditamos que apenas uma personagem histórica como Dilma Rousseff conseguiu e conseguirá sobreviver ao tratamento misógino a ela conferido, especialmente a partir do momento que foi definida como candidata e, depois, durante seu mandato integral e seu mandato interrompido pelo *impeachment*.

O conjunto de dados que foram encontrados e analisados ao longo das pesquisas desenvolvidas (Oliveira, 2023; 2024; 2025) revela que um dos focos, senão o principal, de desqualificação da Presidenta foi a sua fala. Uma primeira conclusão a que podemos chegar é a de que as desqualificações de suas falas públicas, por meio de comentários

²³ Nesses textos, esta é uma forma composicional recorrente: “[recorte de fala de] Dilma Rousseff, capturada em [contexto] e remetida ao Sanatório com o seguinte recado do implacável caçador de cretinices: [comentário do jornalista]”. Por exemplo, tal como disponível em [VEJA](#). Acesso em: 21.04.2025.

²⁴ Há 11 publicações com este modificador. Aquelas presentes no quadro foram publicadas em 21.09.2010 e 28.01.2011. Disponíveis em [Neurônio em parafuso | VEJA](#) e [Neurônio em parafuso | VEJA](#). Acesso em: 01.06.2025.

produzidos pelos jornalistas sobre recorte dessas falas, não podem ser consideradas como meros processos de recontextualização, incluindo a recontextualização dos objetos de discurso presentes nas falas originais.

Na verdade, a mera repetição dos objetos de discurso não assegura o processo de recontextualização. Bem ao contrário, os objetos de discurso comuns aos textos (ao texto fonte e ao texto do comentário) ancoram contextos completamente diferentes: de um lado, temos uma política, Dilma Rousseff, de mais idade, em vários momentos de sua trajetória, fazendo falas públicas, defendendo seus pontos de vista; de outro temos jornalistas homens, em sua maioria, que recortam os discursos da política para reenquadrá-los principalmente por meio de desqualificações morais e de natureza sócio-cognitiva, diretas e indiretas daquela que fala. Não há argumentação e sim acusações. Não há recontextualização, mas o uso abusivo de um contexto para a construção de um outro que apenas desqualifica e busca destruir a imagem da personagem e o próprio contexto citado.

No entanto, afirmamos que há, ao longo do texto, *reframings*. Considerando que os *frames*/enquadres são desenvolvidos justamente quando da produção de atos de significação, sendo responsáveis pela organização de nossas experiências sociais, contribuindo para o modelamento de eventos e, conseqüentemente, das imagens dos atores sociais que dele fazem parte, as análises desenvolvidas sobre os exemplos acima revelam o consistente modelamento sociocognitivo da personagem histórica Dilma Rousseff. Esse modelamento produz a sua inserção na categoria das mulheres burras (com um único neurônio ou com neurônios defeituosos, desonestos etc.) e na categoria das mulheres incoerentes, loucas. A menção aos *corpora* construídos para as nossas pesquisas que ainda estão em andamento dá conta da força dessa violência verbal exercida sistematicamente por importantes atores do campo jornalístico.

Uma outra conclusão é a de que a produção textual investigada encontra-se incorporada a uma ordem social mais ampla, no caso, os campos jornalístico e político. Nesse sentido, é possível dizer que, pelo menos desde 2009, ou seja, há mais de 15 anos, as posições de poder e de influência nesses campos revelam-se explicitamente misóginas, exercendo sem nenhum pudor, a violência política de gênero em relação àquela que viria a ocupar o mais alto cargo do país.

Dentre o conjunto de valores e crenças que circulam nesses campos e que são parcial ou completamente partilhados com os seus interlocutores (sejam eles leitores ou não desses textos), há aqueles que permitem o exercício de expedientes discursivos responsáveis pela destruição dos sentidos e dos contextos sociais a que se referem. Se é verdade que o trabalho jornalístico se pauta pelo estabelecimento de relações intertextuais que buscam manter minimamente as ancoragens originais dos atores e dos contextos tratados, talvez esteja na hora de afirmar que certos atores, ainda investidos das prerrogativas desse campo, não conseguem exercer a profissão a partir desse princípio. Parecem estar a serviço da destruição de toda e qualquer entidade e contexto que não integrem os valores e crenças da ordem social que gostariam que existisse e que deveria ser a de todos: a ordem patriarcal, em que mulheres não devem ocupar ou permanecer em espaços de poder, especialmente se ela for uma política com firmes convicções progressistas ou de esquerda. Para esses atores, o principal trabalho é o de fazer com que seus interlocutores enxerguem e se orientem a partir de suas lentes e de seus parâmetros.

Por fim, seria importante chamar a atenção para o fato de que o conceito que assumimos de prática comunicativa parece demandar de nós, especialistas, maiores discussões, dado que sua definição pressupõe tanto o compartilhamento de habilidades relativas aos modos de agir e estar no mundo social, como também o compartilhamento de categorias que se interpenetram ou que são meramente comparáveis ou semi-partilhadas. Acreditamos que chegou a hora de nos perguntarmos sobre a qualidade das

relações sociais estabelecidas por meio do compartilhamento ou não de determinadas habilidades e/ou categorias. Talvez tenha chegado a hora de apontarmos, como fizemos anteriormente, quais são as consequências concretas tanto da produção textual dos participantes de uma dada interação, como do modelamento sociocognitivo performatizado por um conjunto de textos absolutamente demolidores de reputações e de vidas. Talvez tenha chegado a hora de rever formulações tais como a de Porto (2004) sobre os tipos de orientação que regem a produção jornalística. Talvez nosso texto possa ser uma pequena resposta sobre a dúvida do professor amigo: como o *impeachment* de Dilma Rousseff pôde acontecer?

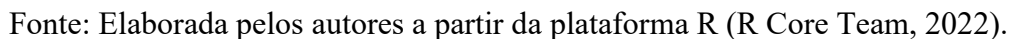
REFERÊNCIAS

- ALMEIDA SANTOS, J. Agência de notícias Patrícia Galvão: uma abordagem textual-discursiva. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2022. Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/4899>. Acesso em 16.07.2025.
- BARBARA, L.; GOMES, M. C. A. A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais. *Letras*, n. 40, p. 67–92, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2176148512026>. Acesso em: 30.11.2024.
- BENTES, A. C.. Texto: conceitos, questões e fronteiras contextuais. In: SIGNORINI, I. (Org.). *(Re) Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, Investigações sobre língua[gem] situada 2, p. 19-46, 2008.
- BENTES, A. C.; MORATO, E. M. Expressões de violência verbal e reflexividade face ao modelamento sociocognitivo e discursivo da pandemia de Covid-19. *Calidoscópio*, 19(1), 18–31, 2021. <https://doi.org/10.4013/cld.2021.191.02>
- CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo, SP: Contexto, 2003. 249 p. (Clássicos da linguística, 1). ISBN 8572442251 (broch.).
- DALTOÊ, J. H. H. *Reinaldo Azevedo em Veja online*: um intelectual a serviço da construção do antipetismo. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3240>. Acesso em: 29.07.2025.
- DAHER, D. C.; MEDEIROS, V. G. DE. Entrevista com a Profª Drª Margarida Salomão. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 28, n. 57, p. 17-26, 26 dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/cadletrasuff.2018n57a631>. Acesso em: 29.07.2025.
- DANTAS, F. A. “Dilma Rousseff: uma mulher fora do lugar”. Narrativas da mídia sobre a primeira presidenta do Brasil. 151f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, BA, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29934>. Acesso em: 30.11.2024.
- DANTAS, F. A. *Dilma Rousseff: trajetória e imagem da mulher no poder*. 151 f. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2014. Disponível em: Plataforma Sucupira. Acesso em: 16.02.2025.
- DE AQUINO, J. A. Conservadorismo e ressentimento: duas fontes do antipetismo. In: SILVA, E. F.; FROTA, F. H. S.; SILVA, M. A. L. (Orgs.). *Atores políticos e dinâmicas eleitorais*. Fortaleza: Edmeta, p.232-273, 2019.
- ETULAIN, I. Fúria feminista: análise do estilo linguístico-discursivo de uma colaboradora do blog QG Feminista. Monografia (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2021. Disponível em <https://hdl.handle.net/20.500.12733/2766>. Acesso em 16.07.2025.
- FERREIRA-SILVA, B. *Metadiscursividade em entrevistas*: a inscrição de Mano Brown no campo jornalístico. 1 recurso online (278 p.) Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2015. <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2015.956542>. Acesso em: 16.02.2025.
- FERREIRA-SILVA, B. “Boas práticas” em exposições orais: organização textual-discursiva em amostras da fala pública liberal no Brasil recente. 1 recurso online (285 p.) Tese (doutorado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1640551>. Acesso em: 16.02.2025.

- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 4. ed., 1997.
- GOMES, M. C. A.; BARBARA, L. *Mulheres, política e mídia*: algumas incursões em torno da representação sociocultural de Dilma Rousseff. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 27, p. 311-335, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/delta.v27i2.12355>. Acesso em: 30.11.2024.
- HANKS, W. F. Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M.A. (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo, SP: Cortez, 2002.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*: trajetória e grandes temas. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.
- KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: Mussalim, F.; Bentes, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística*: fundamentos epistemológicos, volume 3. São Paulo, SP: Cortez, 2004.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M.. *Intertextualidade*: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo, SP: Contexto, 2005.
- KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun van Dijk. (2020). *Revista Latinoamericana De Estudios Del Discurso*, 11(1), 79–91. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33510>. Acesso em: 16.02.2025.
- MARCUSCHI, L. A. Atos de referenciação na interação face a face. In: Marcuschi, L. A. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 104-123.
- MARIANO, R. D. *Registro de linguagem do programa "Manos e Minas"*: analisando os recursos tópicos discursivos e referenciação. 1 recurso online (p.) Tese (doutorado) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/19029>. Acesso em: 16.02.2025.
- MORATO, E. M. “A noção de *frame* no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar?” *Cadernos de Letras da UFF 41*, p. 93-113, 2010. Disponível em: A noção de *frame* no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar?. Acesso em: 16.02.2025.
- OLIVEIRA, V. A. R. *A produção da (in)coerência textual em falas públicas de Dilma Rousseff*. Relatório final de atividades apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Campinas (PIBIC-UNICAMP). 2023.
- OLIVEIRA, V. A. R. *A progressão referencial entre textos jornalísticos de colunistas da Revista Veja*. Relatório final de atividades apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Campinas (PIBIC-UNICAMP). 2024.
- OLIVEIRA, V. A. R. *Misoginia e antipetismo em blogs jornalísticos da revista Veja: o caso Dilma Rousseff*. Relatório parcial apresentado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Campinas (PIBIC-UNICAMP). 2025.
- PIANCÓ, E. M. da S. *Processos referenciais no gênero votação oral*: em cena, o impeachment da ex-Presidente Dilma Rousseff. Recife: UFPE, 2024, 142f. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife, PE, 2024.
- PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. In: RUBIM, A. A. C. (Org.). *Comunicação e política*: conceitos e abordagens. Salvador: Edufba, p. 73-104, 2004.
- R CORE TEAM. R: A Language and Environment for Statistical Computing. R Foundation for Statistical Computing. Vienna, Austria, 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Consultado em 16.07.2025.
- SALOMÃO, M. M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociognitivo da referência. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 44, p. 71–84, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637065>. Acesso em: 29.07.2025.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Pensamento feminista*: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 50-84, 2019.
- SOUZA, M. J. de. *O discurso de ódio na democracia brasileira*: uma análise discursiva do processo de rejeição e de destituição da presidenta Dilma Rousseff. Pelotas: UCPEL, 2017. 174 f. Tese (doutorado) – Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, RS, 2017.
- TIBURI, M. A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira. In: RUBIM, L.; ARGOLO, F. *O golpe na perspectiva de gênero*. Salvador: Edufba, p. 105-116. 2018.

- VALENTE, M. *Misoginia na internet: uma década de disputa por direitos*. São Paulo: Fósforo, 2023.
- VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. 1. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2012. ISBN 9788572446938.
- VAN DIJK, T. A. *Discurso y conocimiento: una aproximación sociocognitiva*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2016.
- VAN DIJK, T. A. How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian President Dilma Rousseff. *Discourse & Communication*, 11(2), 199-229, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750481317691838>. Acesso em: 16.02.2025.
- WERNECK, H. (org.) *Vultos da república: os melhores perfis políticos da Revista Piauí*. Editora Companhia das Letras, 2012.
- XAVIER, F. L. A. *Jornadas referenciais: a construção de um objeto de discurso em editoriais da Folha de S. Paulo durante as manifestações de junho de 2013*. 1 recurso online (149 p.) Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2018. Disponível em: <https://doi.org/20.500.12733/1634773>. Acesso em: 30.07.2025.

Figura 1 — Nuvem de palavras com as publicações estruturadas como "Neurônio + Modificador". Títulos mais recorrentes em fonte de tamanho maior.



Cad. Est. Ling., Campinas, v.67, p. 1-18, e025024, 2025